

## EDITORIAL

**Márcia Christina Caetano Romano**

Profa. Adjunta da Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ). Docente dos Programas de Residência Multiprofissional do Adolescente e da Atenção Básica/Saúde da Família da UFSJ. Líder do Núcleo de Estudos Sobre Criança e Adolescente da UFSJ.

### **A saúde de crianças e adolescentes no mundo contemporâneo**

A saúde de crianças e adolescentes brasileiros na contemporaneidade é resultado de um conjunto de determinantes histórico-sociais e de políticas públicas que certamente impactam sua qualidade de vida e padrões de adoecimento. Ao contrário da elevada morbidade e mortalidade por agravos infecciosos e parasitários evidente há décadas atrás, na atualidade, prevalecem as doenças crônicas. Nesse sentido, deve-se considerar que as crianças com doenças crônicas ganham tempo de vida, mas estão predispostas a adoecimentos recorrentes o que nos convida a repensar as práticas de cuidado e produzir novos estudos na área. Ressalta-se que a redução da morbi-mortalidade não se dá na mesma intensidade quando retrata-se o período neonatal. É importante destacar que a minimização das taxas de morbi-mortalidade em crianças de até 28 dias de vida associa-se a melhoria da assistência perinatal, que requer avanços em nosso país.

Torna-se imperativo reconhecer que alguns elementos político-sociais estabelecidos em nosso país ao longo dos últimos 30 anos contribuíram para minimizar a mortalidade infantil por doenças infecto-parasitárias. Ressaltam-se as melhorias das condições de vida de uma maneira geral, o Programa de Atenção Integral à Saúde da Criança, a Atenção Integrada às Doenças Prevalentes na Infância implementadas nas décadas de 80 e 90 respectivamente. Certamente, o manejo mais assertivo das doenças

diarréicas, o incentivo ao aleitamento materno, a realização do acompanhamento do crescimento e do desenvolvimento da criança e a promoção da imunização favoreceram a redução da morbi-mortalidade por agravos evitáveis. Somado a isso, o estabelecimento do Estatuto da Criança e do Adolescente buscou garantir o direito de crianças e jovens de crescerem e desenvolverem de forma saudável.

É importante destacar, porém, que a despeito dos avanços na atenção à saúde de crianças e adolescentes brasileiros, esses sujeitos estão altamente vulneráveis às condições relacionadas ao mundo contemporâneo. O abuso sexual, a violência intrafamiliar e urbana e os maus-tratos, frequentemente associados ao uso/abuso de álcool e outras drogas exemplificam essa realidade. Este fenômeno é ainda mais complexo devido à subnotificação permeada pelo pacto do silêncio, expondo ainda mais as vítimas à recorrência do agravo.

A mudança nas relações sociais na contemporaneidade é também algo que afeta crianças e adolescentes. Com o advento da inclusão digital e, em decorrência da crescente violência urbana, os jovens permanecem grande parte do tempo em seus domicílios, navegando em redes sociais. Tal fato acrescido das veementes mídias publicitárias contribui para a introspecção, a inibição, o sedentarismo e o consumo excessivo de bens e alimentos não saudáveis, potencializando as implicações da transição nutricional e de fenômenos no campo da saúde mental.

A transição nutricional pode ser considerada o *baseline* para muitas das condições crônicas as quais crianças e adolescentes se encontram. A mobilidade cada vez mais frequente do padrão de desnutrição para estados de sobrepeso e obesidade responde pela presença de hipertensão arterial, diabetes e elevados níveis de colesterol e triglicérides na população infantil e juvenil, elevando, consideravelmente o risco de doenças cardiovasculares na fase adulta.

De fato, o excesso de peso entre crianças e adolescentes contribui para potencializar a presença de asma, alterações ortopédicas e problemas emocionais relacionados a auto-imagem e bullying, comprometendo atividades da vida diária e o relacionamento humano.

Há ainda que se considerar que na adolescência a mortalidade por causas externas vem encontrando destaque, exigindo novas formas de se pensar o cuidado em saúde e requerendo pesquisas para produção de novos conhecimentos. Da mesma forma, os novos arranjos familiares que se apresentam nos remetem a revisitar as práticas de saúde numa perspectiva inclusiva e dialógica no sentido do reconhecimento do outro enquanto protagonista do seu modo de levar a vida.

Destaque especial necessita ser dado à crescente prevalência de suicídio entre crianças e adolescentes. Este fenômeno é favorecido pelas redes sociais, potencializando a ocorrência de auto-extermínios coletivos e simultâneos, sobretudo na população juvenil.

Finalmente menciona-se a gestação na adolescência. Tal condição é uma ocorrência antiga na sociedade, porém, na contemporaneidade chama a atenção para as segundas e terceiras gestações nessa fase da vida, bem como a idade cada vez mais precoce em que este sério problema tem se configurado. O impacto social da gravidez na adolescência é sobremaneira importante, pois além de comprometer os planos de futuro destas jovens predispõe a criança a risco à saúde, sobretudo pela maior tendência de partos prematuros.

Essa realidade aponta para a necessidade de um olhar diferenciado e inovador no que tange ao cuidado da criança e do adolescente na contemporaneidade. O tema necessita ser amplamente discutido nos cursos de graduação e os programas de pós-graduação devem comprometer-se com o retorno social e aplicável de seus produtos, visando à aquisição de novas tecnologias que impactem diretamente os serviços de atenção a crianças e adolescentes. Os programas de residência, nível *latu sensu* e os de mestrado profissional, nível *strictu sensu* representam instrumentos valiosos para o alcance destes objetivos.

Ressalta-se que na contemporaneidade há necessidade de oferecer uma atenção à criança e ao adolescente, na perspectiva do crescimento e desenvolvimento, que considere as repercussões dos adoecimentos e fatores de risco na vida adulta destes indivíduos. Nesta perspectiva, as condições de saúde no início da vida são fortes determinantes da qualidade de vida do

adulto e isto não tem recebido atenção suficiente de profissionais e pesquisadores no contexto brasileiro.

Alguns estudiosos têm atentado para essa realidade e é o que pretende-se provocar com esse número da RECOM. Desejamos a todos uma proveitosa e reflexiva leitura.